

Um retrato de Joãozinho da Goméia: algumas considerações sobre religião, gênero, raça e arte

Wallace Rodrigues¹

Resumo

Este escrito busca deixar conhecer Joãozinho da Goméia, uma personalidade do candomblé da Bahia e do Rio de Janeiro. Ele se projetou como músico, dançarino, cantor e grande pai de santo na cidade de Duque de Caxias, sempre deixando ver sua irreverência e originalidade. Esse ensaio busca uma análise qualitativa da vida e obra de Joãozinho da Goméia através de informações bibliográficas e documentais via as seguintes categorias: religião, homossexualidade, raça e arte. Verificamos que Joãozinho da Goméia pautou sua vida por uma grande criatividade e pela diferença irreverente, buscando caminhos próprios de vida e criação artístico-religiosa.

Palavras-chave: Joãozinho da Goméia; Diferença; Homossexualidade.

Abstract

This paper seeks to let us know about Joãozinho da Goméia, a personality of the candomblé of Bahia and Rio de Janeiro. He projected himself as a musician, dancer, singer and great babalorixá in the city of Duque de Caxias, always letting us see his irreverence and originality. This essay seeks a qualitative analysis of the life and work of Joãozinho da Goméia through bibliographical and documentary information via the following categories: religion, homosexuality, race and art. We verified that Joãozinho da Goméia guided his life through great creativity and irreverent difference, searching for his own paths of life and artistic-religious creation.

Keywords: Joãozinho da Goméia; Difference; Homosexuality.

¹ Docente da Universidade Federal de Tocantins (UFT) – E-mail: walace@uft.edu.br

Introdução

Este artigo busca refletir sobre questões étnico-raciais, de religião, de preconceito, artísticas, de estereótipos e de gênero numa perspectiva humanista através da utilização do personagem Joãozinho do Goméia. Conhecido babalorixá baiano que foi para o Rio de Janeiro (mais precisamente Duque de Caxias), onde abriu uma conhecida casa de santo (terreiro da Goméia).

Ficou famoso por atender a várias personalidades de sua época, por suas habilidades artísticas, por assumir abertamente sua homossexualidade e por sua ousadia em quebrar padrões de comportamento religioso e racial.

Esse estudo baseou-se na pesquisa de vários artigos publicados em revistas online e tenta pensar sobre possibilidades do masculino homossexual a partir de um personagem histórico tão controverso.

Vale ressaltar que não temos pretensão classificatória em relação aos pontos destacados sobre da Goméia, mas apenas levantar algumas leituras do masculino a partir de um personagem que ficou muito conhecido em sua época e que pode nos ajudar a pensar sobre masculinidades.

Joãozinho da Goméia e seus caminhos singulares

Começamos informando que João Alves de Torres Filho, ou Joãozinho da Goméia, nasceu em Inhambupe, Bahia, em 1914, e faleceu em São Paulo, em 1971. Ele foi um babalorixá (pai de santo, sacerdote) de Candomblé de Angola, músico, cantor, alfaiate e dançarino brasileiro. A arte e a religião parecem sempre ter andado juntas na vida de Joãozinho da Goméia, e ele fez das duas suas aliadas para tornar-se conhecido nacionalmente.

A utilização de Joãozinho da Goméia para pensar acerca de masculinidades pode nos ajudar a compor relatos alternativos aos discursos

hegemônicos de poder, já que o homem negro, pobre, artista, homossexual e babalorixá (pai-de-santo) nos revela várias relações assimétricas de poder. E poder pensar sobre Joãozinho da Goméia é tentar ressignificar as relações de poder que a sociedade impõe sobre o masculino.

Sabemos que as significações culturais dadas ao masculino valorizam certos padrões de comportamento em detrimento de outros. Um pai de santo abertamente homossexual era, portanto, para a época, uma afronta aos padrões de heteronormatividade e de masculinidade de então. Devemos lembrar, ainda, que não há neutralidade nos padrões de comportamento aceitos socialmente enquanto “masculinos”, mas há uma certa concordância social acerca do que é masculino e feminino, pois esses são constructos sócio-culturais.

Pensar Joãozinho da Goméia enquanto uma personalidade assumidamente homossexual para sua época é pensar na ousadia de enfrentar os padrões masculinos de então. Podemos dizer que os homossexuais são pessoas que nutrem sentimentos afetivos e atração sexual por pessoas com a mesma identidade de gênero.

Nessa perspectiva de enfrentamento, Thiago Almeida Ferreira (2016, p. 15) nos diz que: “Na década de 30, no Brasil, contexto histórico marcado pelo forte preconceito contra gays, Joãozinho é reconhecido como homossexual assumido na sociedade de Salvador. E um exemplo de como a homofobia estava presente nos discursos dos acadêmicos das religiões afro-brasileiras da época”.

Imagem 1 - Babalorixá Joãozinho da Gomeia em seu terreiro em Duque de Caxias, sem data.



Fonte: <https://spiritosanto.wordpress.com/2014/08/30/joaozinho-da-gomeia-chuta-o-balde/>

Sobre raça no Brasil, temos que pensar em nossa condição brasileira de sermos um país colonizado. O que nos faz sofrer dos complexos dos colonizados, apesar de não querermos admiti-los, já que em tudo buscamos ser o mais europeu possível: ter cabelos lisos, ter pele clara, entre outras características raciais relacionadas à Europa.

A tentativa de “europeização” da população, historicamente promovida e valorizada pelas elites brasileiras, esbarra em nossa real situação racial: somos um país de mestiços e onde a maioria da população tem, de uma forma ou de outra, “um pé na África”. Isso não nos desmerece enquanto povo, mas, ao contrário, enriquece-nos com as mais variadas influências culturais, saberes e

fazerem.

A negritude assumida de Joãozinho da Goméia e o racismo à brasileira eram pontos de choque em sua época. Alisava seu cabelo crespo e vestia-se de vedete no carnaval, afrontando os mais conservadores dos ritos afro-brasileiros. Ruth Landes une o preconceito de cor e o preconceito de gênero para falar de Joãozinho da Goméia:

Há um simpático e jovem pai Congo, chamado João, que quase nada sabe e que ninguém leva a sério, nem mesmo as suas filhas de santo [...]; mas é um excelente dançarino e tem certo encanto. Todos sabem que é homossexual, pois espicha os cabelos compridos e duros e isso é blasfemo. - Qual! Como se pode deixar que um ferro quente toque a cabeça onde habita um santo! (LANDES, 2002, p. 65)

Ari Lima e Filipe Cerqueira, no texto “Identidade homossexual e negra em Alagoinhas”, de 2007, nos informam que as representações dos homens negros já são bastante problemáticas no Brasil, imagine se juntamos a isso a questão da homossexualidade. Eles nos mostram que:

O homossexual negro é um habitante de dois mundos distintos, que são, ao mesmo tempo, dois tabus da sociedade brasileira, a homossexualidade e a raça. Além de serem mundos tabus, são face de uma sociedade fraturada e descontínua para o homossexual negro que existe de formas diferentes em cada um deles. A negritude se constitui através da normalização do negro heterossexual, representado pela emblemática virilidade de sua força física, agressividade, violência, grande apetite sexual e pênis potente. O homem negro, desse modo, remete à perspectiva do herói. Um homem inabalável, que protegeria a si mesmo e aos subalternos mais frágeis (mulheres e crianças) contra a opressão racial. Ou remete a um ser bestial que, potencialmente, aplicará sua agressividade e violência contra o branco que o violenta e humilha e contra aqueles mais frágeis, mulheres e crianças que deveria proteger (LIMA; CERQUEIRA, 2007, p. 7)

Pois essa virilidade máscula esperada do babalorixá Joãozinho da Goméia

pelo grupo de Yalorixás do Candomblé baiano nunca aconteceu. Elizabeth Gama (2012, p. 17) afirma que “O fato de ser homem e homossexual incomodava o tabu do matriarcado do Candomblé baiano”. O conservadorismo da época, ainda existente no Brasil atual, marcava todas as religiões, incluindo o Candomblé, que tem em seu panteão orixás homossexuais (como Ossaim), transsexuais, que mudam de sexo (como Logun-Edé e Oxumaré), e bissexuais (como Oxóssi).

Vale ressaltar que Joãozinho da Goméia, ao assumir sua identidade de gênero publicamente, não só afrontava a sociedade baiana da época, mas reafirmava o direito de ser quem ele era, sem necessitar de pedir favores a ninguém para existir socialmente. Nilma Lino Gomes nos fala sobre como a identidade nos revela ao mundo:

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas lingüísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana. Portanto, a identidade não se prende apenas ao nível da cultura. Ela envolve, também, os níveis sócio-político e histórico em cada sociedade. (GOMES, 2005, p. 41)

Ainda, Joãozinho da Goméia pregava, corajosamente, a liberdade de culto religioso (principalmente para os cultos afro-brasileiros) em pela Bahia da década de 1930. Essa era uma ousadia frente as autoridades e a polícia da época, e ele afirmava pagar para ter o direito de tocar para os orixás em dias de festa.

Sobre religião, podemos dizer que Joãozinho da Goméia era babalorixá no candomblé baiano. Filho de Oxóssi e lansã, mas que incorporava um caboclo de nome Pedra Preta. Esse conflito entre orixás de Candomblé de Angola e um caboclo de “Umbanda”¹ trazia certa descrença em relação à “seriedade espiritual”

1 Em vários textos encontramos a denominação “Candomblé de caboclo” para designar um candomblé com influências da umbanda, do catolicismo e do espiritismo. Escolhemos aqui chamar

de Joãozinho da Goméia. Andrea Mendes nos informa que:

[...] foi no terreiro de sua madrinha que o caboclo Pedra Preta se manifestou pela primeira vez, e foi por causa dele, precisamente, que Joãozinho começou a ser cada vez mais procurado por pessoas que buscavam a cura de doenças e auxílio espiritual – o que rendeu-lhe a alcunha de “João da Pedra Preta”. A procura era tanta que Joãozinho resolveu, então, ter um terreiro maior, e foi assim que se deslocou para a Goméia, um bairro de Salvador. (MENDES, 2014, p. 60)

Em 1946, Joãozinho da Goméia muda-se para o Rio de Janeiro, instalando, pouco a pouco, um terreiro em Duque de Caxias. A partir daí, começa a ficar conhecido e a ser frequentado por personalidades da época, como nos conta Mendes:

A partir daí, passou a frequentar programas de rádio, concedia entrevistas a jornais e revistas. Conforme sua notoriedade aumentava, aumentavam também os seus filhos de santo. Realizou apresentações de “dança africana” para Ginger Rogers e para a Rainha Elisabeth da Inglaterra. Recebeu em seu terreiro o presidente Getúlio Vargas e, mais tarde, foi chamado ao Palácio pelo presidente Juscelino Kubitschek. Joãozinho, a cada dia mais conhecido, tinha suas festas divulgadas pela imprensa. A festa de lansã, realizada no mês de dezembro, era uma das mais concorridas. Do lado de fora, empregados de Joãozinho vendiam bebidas, “a preços exorbitantes”, e ambulantes vendiam sorvetes e picolés. Folcloristas e diplomatas, gente comum e embaixadores, pessoas do meio artístico, como as cantoras Marlene e Ângela Maria, Cauby Peixoto, Grande Otelo, Carmen Costa, todos afluíam para o terreiro da Baixada, especialmente quando acontecia a festa de lansã, considerada o ponto alto das festividades da Goméia. (MENDES, 2014, p. 62-63)

O terreiro da Goméia em Duque de Caxias era “Localizado na Rua General Rondon, nº 360, Bairro de Copacabana, Duque de Caxias². O Terreiro da Goméia

de “Umbanda” para melhor compreensão do contexto na atualidade.

2 Atualmente o endereço de onde existia o terreiro é Avenida Prefeito Braulino de Matos Reis, número 360, no bairro Vila Leopoldina.

foi fundado na década de 1940" (PEREIRA, 2015, p. 221). Várias autoridades políticas, empresários e artistas frequentavam tal terreiro com assiduidade. Rodrigo Pereira, citando Waldemar Lapoente, do "Projeto Centro Cultural Joãozinho da Goméia", informa-nos como o referido terreiro em Duque de Caxias foi bem frequentado:

Nas décadas de 50 e 60 o Terreiro da Gomeia, passou a ser referência no Município de Duque de Caxias. Não só por ser um dos primeiros terreiros de candomblé na região sudeste mais pelos seus frequentadores. Políticos e artistas de todos os lugares entre eles; Embaixadores da França, Inglaterra e Paraguai, Cauby Peixoto, Dorival Caymmi, Emília Borba, Francisco Alves, Getúlio Vargas, Henrique Teixeira Lott, Maria Antonieta Pons, Marlene, Ninon Sevilha, Paulo Gracindo, Solano Trindade, Tenório Cavalcanti, Djalma de Lala e José Bispo dos Santos ou Pai Bobó, como era conhecido. Veio para o Rio e por alguns anos esteve ao lado de Joãozinho da Gomeia, auxiliando-o nas funções sacerdotais. Em 1957, Pai Bobó foi para São Paulo e na cidade de Santos fundou o primeiro candomblé do estado. A quem diga que em 1961 após a inauguração da Petrobras o presidente Juscelino Kubitschek pediu para desviar o caminho [dos adversários] indo ao encontro do 'Rei do Candomblé' [pedindo-lhe ajuda] (LAPOENTE apud PEREIRA, 2015, p. 384)

Além disso, Joãozinho da Goméia foi foco de reportagens de jornais e revistas importantes da época, como o *Jornal do Brasil*, jornal *O Globo*, jornal *Diário de Notícias*, jornal *Última Hora*, entre outros jornais. Revistas como *Manchete*, *O Cruzeiro* e a *Revista do Rádio*, entre outras. Toda essa publicidade ajudava a desconstruir a imagem negativa que tinha o candomblé à época de da Goméia.

Sabemos que a arte nos deixa criar mundos imaginários, nos quais o artista entrega sua vida a aquilo que fez. Cada artista com sua qualidade ímpar, pois os homens diferem em qualidades e habilidades. Joãozinho da Goméia tornou-se um conhecido bailarino e dançou em vários palcos, como nos conta Mendes:

O contato com o meio artístico, provavelmente, se deu quando Joãozinho passou a realizar espetáculos teatrais baseados nas danças dos orixás, e fundou a “Companhia Baiana de Folclore Oxumaré”. Além dos espetáculos realizados no Rio de Janeiro, era comum que a Companhia fizesse turnês em outras cidades; nessas ocasiões, Joãozinho promovia, além do espetáculo propriamente dito, exposições de indumentárias do candomblé. (MENDES, 2014, p. 63)

Imagem 2 – LP Vinil de Joãozinho da Goméia, de 1969, intitulado “Rei do Candomblé”.



Fonte: <https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-812523104-lp-vinil-joosinho-da-gomearei-do-candomble1969-musicolor- JM>

Também, Elizabeth Gama nos informa que a vida de Joãozinho da Goméia para o Rio de Janeiro se deu não por motivos religiosos, mas para se tornar um bailarino no conhecido Cassino da Urca:

João volta a cidade em 1947 a convite do jornalista Orlando Pimentel, que o apresentara ao empresário J. Rollas, sendo, assim, contratado como coreógrafo para mostrar nos palcos do Cassino da Urca seu exotismo de bailarino de danças afro. Dessa forma, a vinda de João não é narrada pelo autor a partir de motivos religiosos. João veio como bailarino. Não fica claro no texto de Peralta nem no livreto de Paulo Siqueira o que ocorreu para que seu trabalho como bailarino não tenha se sobressaído ou dado certo, e o que o levou a abrir um terreiro em Caxias. (GAMA, 2012, p. 76)

Para além de dançar, Joãozinho da Goméia foi cantor. A imagem 2 mostra a capa de um LP vinil gravado por ele em 1969 e intitulado “Rei do Candomblé”. Ele interpreta canções de Candomblé e o ponto de seu caboclo Pedra Preta, entre outras canções. No total, são doze canções, pontos de orixás do Candomblé em sua maioria.

Como podemos notar, as categorias com as quais Joãozinho da Goméia operava (religião, homossexualidade, raça e arte) foram exploradas ao máximo durante sua vida. Mesmo sendo criticado pelo povo do Candomblé, da Goméia é, ainda hoje, um exemplo de indivíduo que assumiu suas posições diante da conservadora sociedade de seu tempo.

Ainda, verificamos que há uma necessidade de se falar de personagens negros que fizeram a história brasileira, principalmente de personagens subalternos como Joãozinho da Goméia, e que venceram todos os obstáculos da vida e servem-nos de exemplo. Conforme nos informam as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”, a comunidade afro-brasileira segue pedindo valorização, afirmação de direitos e reconhecimento:

Reconhecer exige que se questionem relações étnico-raciais baseadas em preconceitos que desqualificam os negros e salientam estereótipos depreciativos, palavras e atitudes que, velada ou explicitamente violentas, expressam sentimentos de superioridade em relação aos negros, próprios de uma sociedade

hierárquica e desigual. Reconhecer é também valorizar, divulgar e respeitar os processos históricos de resistência negra desencadeados pelos africanos escravizados no Brasil e por seus descendentes na contemporaneidade, desde as formas individuais até as coletivas. Reconhecer exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação: apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto sugerindo incapacidade, ridicularizando seus traços físicos, a textura de seus cabelos, fazendo pouco das religiões de raiz africana. Implica criar condições para que os estudantes negros não sejam rejeitados em virtude da cor da sua pele, menosprezados em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos, não sejam desencorajados de prosseguir estudos, de estudar questões que dizem respeito à comunidade negra. (BRASIL, 2004, p. 12)

Nesse sentido, conhecer a história de Joãozinho da Goméia pode auxiliar no reconhecimento da importância das religiões afro-brasileiras na cultura de nosso país, no reconhecimento da homossexualidade masculina como uma forma de masculinidade, no reconhecimento de que as profissões artísticas são tão importantes quanto quaisquer outras, entre outros tipos de reconhecimentos e valorizações essenciais para os jovens negros, homossexuais, pobres e artistas de hoje.

Considerações finais

Este texto tentou construir leituras positivas da diferença a partir de alguns pontos da vida do babalorixá Joãozinho da Goméia. Com sua personalidade forte e artística, ele encantou e incomodou muitas pessoas, sendo objeto de pesquisas até a atualidade. Vemos que seu legado artístico e religioso não se perdeu e sua história segue adiante.

Notamos que Joãozinho da Goméia levantou-se a favor da liberdade de culto, algo que até hoje desejamos e ainda não alcançamos. Ele abertamente

colocava-se como homossexual sem perder sua dignidade de homem negro. Ele foi cantor, artista, costureiro, dançarino, entre tantas outras funções ligadas às artes. Com uma personalidade versátil, ele nos mostra que há várias formas de masculinidades e não somente aquela determinada pelos estereótipos do macho heterossexual.

Ainda, da Goméia teve que lutar contra os vários preconceitos arraigados na sociedade brasileira: o preconceito de gênero, o preconceito religioso, o preconceito profissional (por ser artista e bablorixá). Isso nos revela a pessoa decidida e de batalha que da Goméia era, um exemplo para todos nós.

Finalizando, podemos pensar na personalidade de Joãozinho da Goméia como sendo eclética, aberta e de resistência. Não é a toa que vários pesquisadores têm um grande interesse por sua biografia, seus trabalhos, seu terreiro e seu legado. Isso faz dele, diríamos, uma personalidade homossexual brasileira. Não importante somente em sua época, mas também hoje em dia.

Referências

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília – DF, Outubro, 2004.

FERREIRA, T. A. *João da Goméia: transgressões e identidades de gênero no candomblé*. 2016. 37 f., il. Monografia (Bacharelado e Licenciatura em História)— Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em < <http://bdm.unb.br/handle/10483/15310> >. Acesso em 27/09/2018.

GAMA, E. C. *Mulato, homossexual e macumbeiro*. Que rei é esse? Trajetória de João da Goméia (1914-1971). Dissertação para o Mestrado em História, na Universidade Federal Fluminense – UFF, 2012. Disponível em < <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1563.pdf> >. Acesso em 27/09/2018.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. IN: *Educação anti-racista: caminhos*

abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 39-62, 2005.

LANDES, R. *A cidade das mulheres*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ. 2002.

LIMA, A.; CERQUEIRA, F. de A. Identidade homossexual e negra em Alagoinhas. *Bagoas*, V.1, n.1, jul./dez. 2007. Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art13_limacerqueira.pdf>. Acesso em 27/09/2018.

MENDES, A. O rei do candomblé nas páginas da revista: Joãozinho da Goméia em O Cruzeiro (1967). *Recôncavo: Revista de História da UNIABEU*, Volume 4, Número 6, p. 58-78, janeiro – junho de 2014.

PEREIRA, R. Análise do espaço e da cultura material no extinto Terreiro da Gomeia (Duque de Raxias/RJ): um estudo etnoarqueológico. *Revista de Arqueologia Pública*, v. 9, p. 220-230, 2015.

_____. Sucessão e liminaridade: o caso do Terreiro da Goméia. *Tessituras, Pelotas*, v. 3, n. 1, jan./jun. 2015, pág. 372-402.